



**Identificação de práticas docentes de ensino da leitura através da análise dos cadernos escolares dos alunos Geres: um estudo indiciário**

**Orientadora: Alicia Bonamino**

**Bolsistas Capes:**

**Karina Reis**

**Helena Buarque**

**Relatório Anual**

**PUC-RIO**

**2011**



## SUMÁRIO

<i>Introdução.</i> .....	<b>Pág.3</b>
<i>Objetivo.</i> .....	<b>Pág.6</b>
<i>Metodologia.</i> .....	<b>Pág.6</b>
<i>Trabalho de Campo.</i> .....	<b>Pág.9</b>
<i>Conclusões Preliminares.</i> .....	<b>Pág.11</b>
<i>Atividades já realizadas</i> .....	<b>Pág.12</b>
<i>Atividades a serem realizadas.</i> .....	<b>Pág.12</b>
<i>Referência Bibliográfica.</i> .....	<b>Pág.13</b>

## **Identificação de práticas docentes de ensino da leitura através da análise dos cadernos escolares dos alunos Geres: um estudo indiciário**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alicia Bonamino**  
**Bolsistas Capes: Karina Reis e Helena Buarque**

### **Introdução**

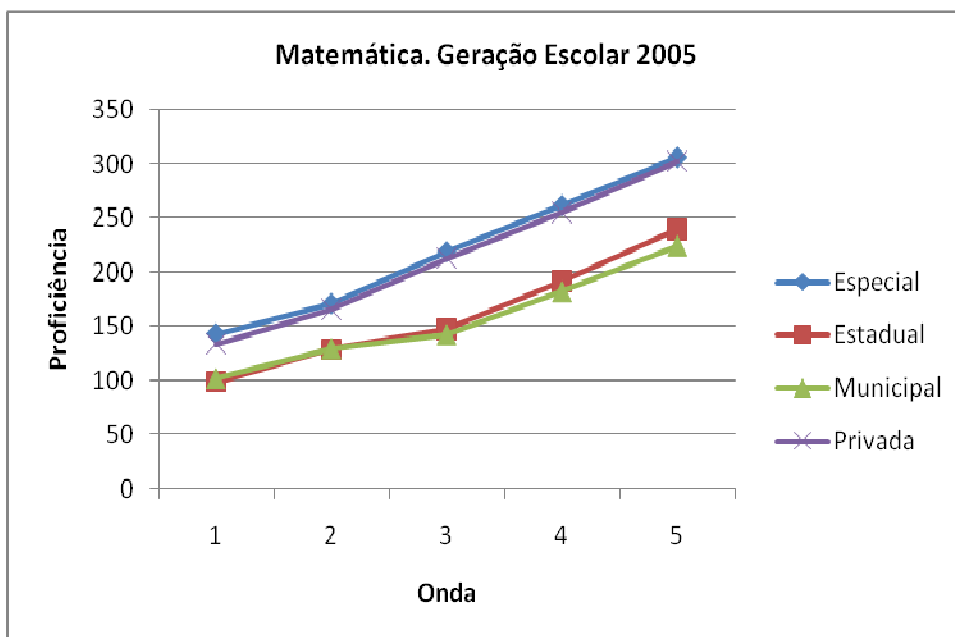
Este estudo faz parte do Projeto *Inconsistências na Aprendizagem de Leitura e Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, desenvolvido no âmbito do Observatório da Educação Capes/Inep no período 2011-2014. O Projeto origina-se no Geres - Estudo Longitudinal da Geração Escolar 2005, que acompanhou o desempenho escolar em língua portuguesa (leitura) e matemática nos anos iniciais do ensino fundamental, no período 2005-2008, a partir de uma amostra de aproximadamente vinte um mil alunos, de 302 escolas estaduais, municipais, federais e privadas das cidades de Belo Horizonte, Campinas, Campo Grande, Rio de Janeiro e Salvador.

O Geres tem como principal finalidade identificar características escolares que promovem a aprendizagem e que diminuem o impacto da origem socioeconômica dos alunos na aprendizagem escolar.

Os resultados das cinco ondas de avaliação indicam ritmos diferenciados de aprendizagem de habilidades de leitura e matemática entre as escolas e redes de ensino.

Em Matemática, o Gráfico 1 mostra que os alunos da escola pública iniciam suas trajetórias de aprendizagem em patamares inferiores àqueles dos alunos da rede privada, fato que se deve à diferença de origem social dos dois grupos, que envolve, além de outros aspectos, diferenças de capital cultural e capital lingüístico. Na aprendizagem de matemática a diferença entre os grupos aumenta significativamente a partir do 3º ano (antiga 2ª série). Ao longo desse ano, os alunos da escola pública perdem terreno a ponto de ficar, em média, mais de 67 pontos atrás daqueles da rede privada, na escala de proficiência criada pela pesquisa. Assim, para alunos da escola pública, o 3º ano se constitui num período de baixa evolução na aprendizagem de matemática pela pouca aquisição de novas habilidades. Os resultados sugerem, portanto, um fenômeno de “desaceleração” na aprendizagem de matemática no caso desses alunos e no caso desse período escolar.

**Gráfico 1. Aprendizagem em Matemática. Geração Escolar 2005.**



Fonte: Pesquisa Geres. 2010

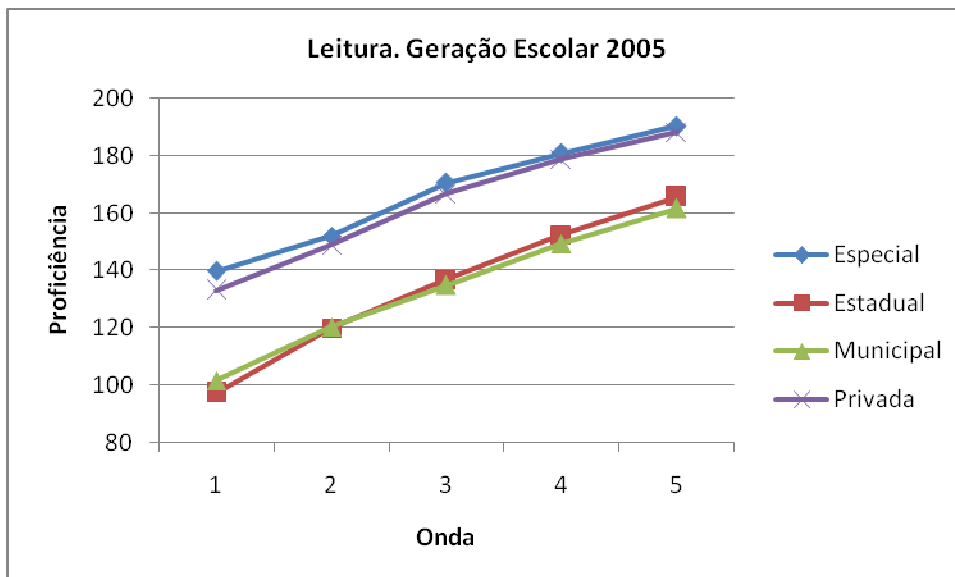
É só a partir do 4º ano que a curva de crescimento da proficiência matemática dos alunos da rede pública retoma uma direção ascendente, o que significa que eles passam a adquirir conhecimentos novos. Contudo, é possível verificar, quando se compara as proficiências de alunos das duas redes, que tais conhecimentos são os mesmos adquiridos pelos alunos da escola privada quando estes estavam no 3º ano. Essa defasagem se mantém ao longo dos próximos anos, de modo que ao final do 5º ano a proficiência dos alunos da rede pública alcança os níveis já atingidos pelos alunos da rede privada entre a metade do 3º ano e a metade do 4º. Assim, mesmo com a retomada crescente da curva de evolução da aprendizagem dos alunos da escola pública a partir do 4º ano, o fosso aberto no ano anterior permanece relativamente estável, indicando que o tempo perdido não é recuperado nos anos subsequentes.

Em síntese, os resultados da pesquisa Geres contribuem para melhor localizar, em meio aos anos iniciais do ensino fundamental, um intervalo mais preciso no qual a queda no desempenho se verifica: ao longo do 3º ano. Em razão disso, atribuímos atenção especial à hipótese que situa o fenômeno detectado como resultado do grau de preocupação do professor das séries iniciais com a alfabetização dos seus alunos. Isso significa que a baixa evolução dos alunos em Matemática, no caso das escolas públicas, seria conseqüência da pouca prioridade dada a esse conhecimento devido à ênfase e concentração nos trabalhos voltados para o aprendizado da Leitura e Escrita. Assim, por uma atenção voltada quase que exclusivamente para o cumprimento das metas da alfabetização, no que diz respeito aos conhecimentos relativos à Leitura e Escrita, o professor acabaria por deixar em segundo plano o trabalho com os conhecimentos matemáticos próprios do 3º ano, que seria, de certo modo, adiado para o ano seguinte. Este problema não aparece na escola privada já que, nessa rede, até a instituição do ensino fundamental de nove anos, os alunos já iniciavam essa modalidade de ensino praticamente alfabetizados.

Esta hipótese será estudada em nível das práticas pedagógicas do professor por meio da análise dos cadernos escolares e da observação da divisão do tempo e de tarefas que o professor polivalente faz entre as diferentes matérias registradas nos cadernos e trabalhos dos alunos.

Por sua vez, em Leitura, os resultados dos alunos avaliados pelo Geres também indicam uma desigualdade significativa de aprendizagem entre a rede pública e a rede particular. Os alunos da rede pública apresentam uma desvantagem no ponto de partida de sua escolaridade, que é relativamente mantida ao longo dos anos, como pode ser observado no Gráfico 2.

**Gráfico 2. Aprendizagem em Leitura. Geração Escolar 2005.**



Fonte: Pesquisa Geres, 2010

O Gráfico 2 mostra que, na terceira avaliação, em novembro de 2006, os alunos das escolas públicas estaduais e municipais alcançam, grosso modo, o nível de habilidades com o qual os alunos das escolas privadas e do estrato especial começaram na primeira avaliação, em março de 2005.

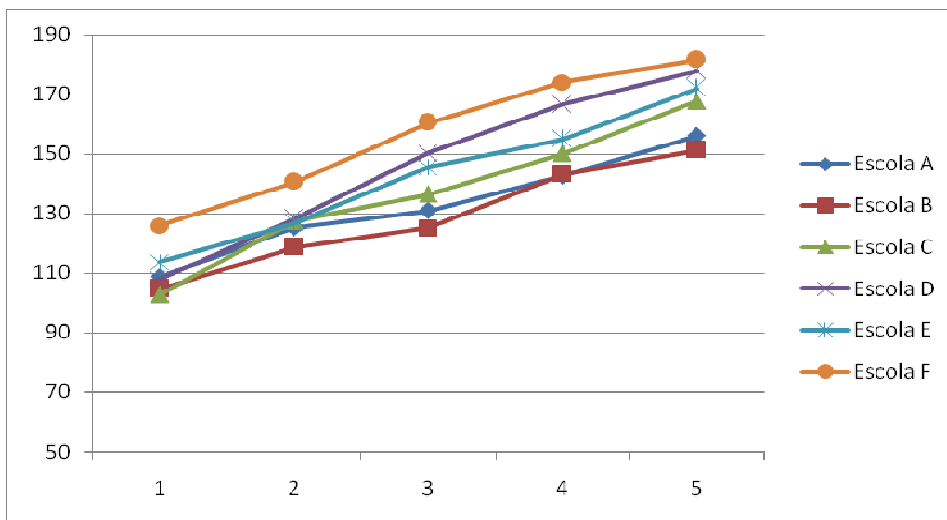
De acordo com a interpretação da escala Geres, este resultado significa que os alunos das escolas privadas e do estrato especial, no início do segundo ano (1ª série), já superavam a aquisição do sistema de escrita propriamente dito, ampliando sua capacidade de leitura e tornando-se capazes de localizar informações em textos com linguagem familiar e de extensão mediana. Entretanto, os alunos das escolas municipais e estaduais só demonstram atingir esse nível de habilidade em leitura ao final do terceiro ano (2ª série), ou seja, com quase dois anos de atraso em relação às escolas privadas e do estrato especial.

Os resultados do Geres mostram que o fato de os alunos da escola pública iniciar suas trajetórias de aprendizagem em patamares inferiores àqueles dos alunos da rede privada deve-se, em grande parte, à diferença de origem social dos dois grupos.

No entanto, embora a média dos resultados em leitura seja impactada pela origem social do aluno e apresente uma evolução mais ou menos constante da aprendizagem, independentemente do ano e da rede de ensino, quando se recorta o objeto, chegando-se às unidades escolares, observa-se tanto casos de desaceleração, quanto situações diferenciadas em relação ao valor que cada escola consegue agregar aos seus alunos.

O Gráfico 3 mostra o desempenho médio em leitura em seis escolas públicas municipais da cidade do Rio de Janeiro, ilustra essas situações diferenciadas.

**Gráfico 3: Desempenho Médio em Leitura nas seis Escolas Municipais do Rio de Janeiro selecionadas, por Onda de avaliação**



Fonte: Pesquisa Geres, 2010

O Gráfico 3 permite observar a conformação de dois grupos de escolas quanto à evolução do desempenho em leitura. O Grupo 1 apresenta escolas nas quais houve uma desaceleração no ritmo de aprendizagem entre o segundo e o terceiro ano escolar e o Grupo 2: escolas em que houve a manutenção ou o acréscimo no ritmo de aprendizagem no mesmo período letivo, que corresponde aos anos de 2005 e 2006.

Este cenário nos conduz à formulação de uma hipótese complementar, segundo a qual o aumento do aprendizado dos alunos depende das condições específicas em que ocorre e estas condições dizem respeito especialmente ao efeito de práticas dos professores no ensino da leitura, nos diferentes anos, turmas e escolas freqüentadas pelos alunos.

No caso das escolas que tiveram desaceleração no ritmo de aprendizagem, a hipótese é que teria havido perda de foco no processo de alfabetização, principalmente entre o 2º e o 3º ano escolar, em razão da introdução do ensino de outros aspectos da Língua Portuguesa, sem a devida consolidação do processo básico de alfabetização.

## Objetivos

Identificar práticas pedagógicas do ensino de habilidades de leitura que colaborem para explicar os resultados diferenciados obtidos pelas escolas cariocas participantes do Geres e possíveis relações entre a ênfase na alfabetização e a desaceleração da aprendizagem de habilidades matemáticas entre o 2º e o 3º ano escolar.

Como objetivo subsidiário pretende-se caracterizar possíveis relações entre famílias que guardam os cadernos e as trajetórias escolares dos filhos.

## Metodologia

O objetivo de aprofundar o diagnóstico e compreensão do fenômeno da desaceleração na aprendizagem de matemática e das inconsistências na aprendizagem de leitura requer o emprego de diversas metodologias.

Para permitir a investigação das causas da desaceleração do aprendizado de matemática e a evolução do aprendizado de língua portuguesa em suas diferentes dimensões será necessário produzir-se estudos de campo baseados tanto na observação do que foi e é

ensinado em sala de aula, ao longo dos primeiros anos escolares, como na realização de grupos focais com os professores e em entrevistas estruturadas com esses professores.

Como vimos no Gráfico 3, a aprendizagem e seu ritmo de desenvolvimento variam significativamente também entre as escolas de uma mesma rede. Neste caso, não se trata de acompanhar processos de ensino no momento mesmo em que eles ocorrem, mas de investigar “pistas”, “indícios” de percursos já vivenciados, de resgatar “memórias” de percursos, o que leva à adoção de metodologia qualitativa.

Do ponto de vista metodológico, a opção é então a de tentar desvelar experiências de ensino e de aprendizagem a partir de uma análise integrada de resultados Geres e de documentos<sup>1</sup> que possibilitem a apreensão de trajetórias de ensino e de aprendizagem já vivenciadas tanto por turmas e escolas que apresentaram manutenção ou desaceleração na aprendizagem quanto por aquelas que demonstraram avanços. Pretende-se, assim, a partir da análise dos resultados do Geres, tentar identificar diferenças e aproximações nos processos de aprendizagem da leitura e da matemática, tomando-os tanto em suas regularidades quanto naqueles aspectos que são peculiares, singulares.

Como mencionado, em razão da necessidade de estratégias metodológicas que permitissem identificar percursos escolares já vivenciados, considerou-se, inicialmente, a importância de tentar captar práticas escolares acontecidas e práticas de ensino anunciadas e contrapor a elas os níveis de proficiência apresentados por alunos ou grupos de alunos, considerados na unidade turma.

Nessa perspectiva há que se observar no processo de transposição didática, diferentes formas de organização e de relação com o saber e, mais especificamente, com o saber escolar. Há que se observar, sobretudo, a existência de currículos distintos, de diferentes concepções acerca do que ensinar e de como exercitar a transposição didática.

Sobre essa questão, Perrenoud (1933, p.24) destaca que a origem dos saberes doutos ou das práticas sociais pouco se relaciona com o seu modo de apropriação no contexto escolar; que o saber, para ser ensinado, adquirido e avaliado sofre transformações como segmentação, cortes, tradução em lições, aulas e exercícios, organização a partir de materiais pré-construídos. Perrenoud distingue três fases no processo de transposição didática:

- dos saberes doutos ou sociais aos saberes a ensinar (ou, de uma forma mais geral, da cultura extra-escolar ao *currículo* formal);
- dos saberes a ensinar aos saberes ensinados (ou do *currículo* formal ao *currículo* real);
- dos saberes ensinados aos saberes adquiridos (ou do *currículo* real à aprendizagem dos alunos). (1993, p.25) (Grifos do autor).

Considerando que o professor é um dos principais atores da “segunda fase”, ainda que participe de modos indiretos da produção do currículo formal, a apreensão de práticas já exercidas indica que se tome como eixo para a elaboração deste estudo, o currículo, tal qual ele se materializa nos contextos intra-escolares. Em consonância com essa perspectiva, a investigação acerca das três dimensões curriculares será interpretada tendo em vista os seguintes instrumentos de análise: (1) *currículo* formal: através de documentos oficiais da Escola e outro(s) documento(s) que subsidiem prática(s) docente(s); (2) *currículo* real, representado por saberes efetivamente trabalhados em sala de aula, expresso através dos livros didáticos utilizados, dos questionários respondidos pelos docentes que participaram do Geres, de atividades ou registros de aulas de professores e, sobretudo, através de cadernos de alunos.

---

<sup>1</sup> O termo *documento* é aqui usado em sentido amplo, tal como definido por Le Goff (s.d., 95-105), como um *monumento* decorrente do esforço das sociedades históricas de impor, prospectivamente, dada imagem de si mesmas. O documento é, segundo o autor, produto da sociedade que o produziu segundo as relações de forças, resultado (ainda que não consciente) da história, da época da sociedade que o produziu e, também daquela(s) que o manipula(m); ele é uma coisa que fica, que dura e, enquanto tal, “pode ser um documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira”.

Esse tipo de documento possibilita identificar o ensino praticado em determinada turma e permite confrontar *currículo* formal e *currículo* real. Como explicita Chartier (2007, p.23), os escritos escolares constituem indicadores de desempenhos escolares de alunos e através deles é possível confrontar o ensino desejado com o aprendizado praticado, passar das teorias pedagógicas ou textos prescritivos à sua utilização.

Nesse sentido, cadernos escolares indiciam concepções de ensino e de aprendizagem na série ou ciclo de ensino a que ele se refere (GVIRTZ e LARRONDO: 2007, p.37-39). Em particular, o estudo de Gvirtz (1999) destaca a relevância do uso do caderno como fonte privilegiada do registro do ensino e aprendizagem escolar.

Nessa perspectiva, o caderno não é mero suporte físico, mas um dispositivo que gera efeitos na dinâmica da sala de aula, por meio da interação dos alunos e professores na realização da tarefa escolar, além de ser um instrumento fortemente normatizado e ritualizado que contempla em sua estrutura o ensinado, o conhecimento do aluno e a sua avaliação.

Estamos cientes que o trabalho com os cadernos dos alunos abre e fecha possibilidades. Por um lado, eles podem revelar indícios de práticas, demonstrarem escolhas e opções teóricas e metodológicas dos professores, concepções da língua e do seu ensino. Por outro lado, no entanto, os cadernos escolares possuem limitações enquanto objeto-fonte de investigação, uma vez que, obviamente, nem tudo o que se passa em sala de aula é registrado, como acontece, por exemplo, com as atividades que envolvem oralidade, e nem tudo o que está registrado foi efetivamente ensinado ou aprendido. Mesmo assim, o caderno pode ser considerado uma fonte que indica aspectos do trabalho desenvolvido no ensino da língua e que, portanto, pode contribuir na reconstrução, mesmo que parcial, e na problematização do “vivido” na sala de aula (VIÑAO 2008)..

Outra vantagem do estudo dos cadernos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental é que eles constituem um suporte único para todos os alunos e para as diferentes matérias ensinadas ao longo do ano letivo.

Isto significa que com a coleta dos cadernos de cada um dos anos iniciais de um único aluno Geres, por exemplo, pode-se ter acesso, ao menos parcial, ao trabalho de toda a turma e ao tempo e tipo de atividades desenvolvidas pelo professor polivalente tanto no ensino da leitura e da escrita como da matemática.

Os cadernos escolares são considerados pelos pesquisadores como importantes fontes de informação sobre a cultura escolar e o contexto de ensino. Eles são fundamentais para a compreensão do currículo real e a reconstrução das práticas escolares.

O procedimento de análise dos cadernos é constituído pela leitura e releitura desses documentos coletados junto a alunos de cada uma das turmas das escolas selecionadas, visando apreender as concepções de alfabetização, as habilidades de leitura ensinadas e as práticas privilegiadas pelos professores no ensino da leitura e da escrita. Para tal, será enfatizada a análise dos exercícios propostos, da forma de correção das atividades, dos indícios de práticas de leitura e de escrita registrados. Mapearemos, categorizaremos e analisaremos atividades, exercícios, cópias, formas de correção, bem como a frequência e recorrência de determinadas estratégias de ensino, entre outros aspectos presentes nestes suportes, procurando identificar e esclarecer concepções e práticas pedagógicas.

Retomemos a “terceira fase” da transposição didática discutida por Perrenoud, que corresponde ao currículo aprendido e que será dimensionada, nesta pesquisa, pelos níveis de proficiência demonstrados pelos alunos.

Assim, tendo como ponto de partida dados longitudinais sobre o *currículo* apreendido (aqui representados pelos níveis de proficiência) buscaremos identificar, com base na análise documental, indícios de convergências e/ou divergências entre práticas escolares que possibilitem maior compreensão da produção de processos de aprendizagem que geram



desacelerações ou avanços na aquisição de habilidades de leitura pelos alunos, turmas e escolas analisadas.

É oportuno registrar que, embora partindo de dados obtidos através de estudo longitudinal de larga escala, não se tem a pretensão (ou a ingenuidade) de que os resultados obtidos a partir desta proposta de trabalho sejam representativos de realidades mais amplas, para além daquelas que delimitarão o estudo.

Espera-se, no entanto, que ele contribua para a triangulação de resultados, para a ampliação do entendimento das interações entre pesquisas quantitativas e qualitativas e, principalmente, para uma compreensão mais pormenorizada sobre fatores promotores de aprendizagem na área de leitura e que contribuem para diminuição das desigualdades educacionais.

## **O Trabalho de Campo**

Para análise dos cadernos dos alunos Geres, iniciamos o trabalho de campo através da identificação dos alunos das seis escolas selecionadas, do contato com a direção escolar para a apresentação da nova fase do projeto e do recolhimento efetivo desses materiais.

A fim de auxiliar na estruturação dessa fase do trabalho elaboramos um roteiro que contempla duas fases, a saber:

[1] Antes da primeira visita à escola: obter a relação de cada escola Geres e seus respectivos nomes; endereços e diretores; Identificar quais dessas escolas possuem 2º segmento e quais só possuem 1º segmento; obter a listagem final dos alunos Geres de cada escola participante do projeto; elaborar as cartas destinadas aos diretores e aos pais dos alunos GERES, contextualizando a nova fase do projeto.

[2] Na primeira visita: contato com a direção escolar; identificação dos alunos Geres que permaneceram ou mudaram de escola, turnos e turmas; contato com os alunos, e entrega das cartas destinadas aos pais; registro dos nomes dos responsáveis pelos alunos e respectivos telefone de contato para coleta de cadernos; reprodução dos matérias obtidos e retorno às escolas para sua devolução.

Até o presente momento, foram coletados cadernos junto a oito alunos, dentre os quais, cinco deles tinham um conjunto completo de cadernos ou trabalhos escolares representativos de suas trajetórias nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

O número exíguo de cadernos obtido era algo esperado, pois, embora eles constituam um importante documento de pesquisa, na medida em que permitem apreender práticas escolares e indicadores de desempenho escolar dos alunos, trata-se de um objeto considerado banal, trivial que é, na maioria das vezes, descartado quando da finalização de um ano ou ciclo escolar.

Foi exatamente esse caráter banal, trivial, normalmente atribuído aos cadernos que nos colocou diante das seguintes questões:

[1] Que fatores levaram essas famílias de meios populares a guardarem os cadernos de seus filhos?;

[2] Há relações entre a preservação de cadernos escolares e investimento familiar na escolaridade dos filhos?;

[3] Guardar os cadernos indica uma atitude positiva com relação à experiência escolar dos filhos? Indica uma valorização da escola?;

[4] As famílias que guardam os cadernos escolares também mobilizam outras estratégias de valorização e apoio à escolaridade dos filhos?

Essas questões circunscreveram a necessidade de estabelecer um novo recorte com foco nas possíveis relações entre famílias que guardam cadernos e a escolarização de seus filhos.

Através do trabalho de campo e de discussões com o grupo, concluímos que a entrevista poderia ser uma estratégia satisfatória para se perceber a relação dessas famílias com a escolarização do filho, já que “a família e a escola formam redes de interdependência e que o “fracasso” ou o “sucesso” escolar pode ser resultado de uma maior ou menor afinidade (ou contradição) entre as formas de relações sociais assumidas pela família e as formas assumidas pela escola” (LAHIRE, 2008.).

Após a leitura de bibliografia sobre o tema, elaboramos um roteiro para a entrevista com aproximadamente quarenta questões dividido em três blocos: informações sobre o responsável pelo aluno, contextualização familiar e relação da família com a escolarização.

Para as entrevistas com os pais de alunos Geres optamos por seguir um roteiro semi-estruturado. Algumas perguntas são mais abertas e permitem um desenvolvimento maior por parte do entrevistado. De acordo com as respostas, o entrevistador vai trilhando seu caminho de perguntas, tentando deixar o entrevistado o mais à vontade possível e ajudando-o a seguir uma linha de raciocínio coerente.

Nessas entrevistas procuramos abordar aspectos do cotidiano familiar, da rotina do aluno e do universo cultural dos sujeitos entrevistados, especialmente em relação a estratégias utilizadas, ainda que inconscientemente, para o sucesso escolar. Procurou-se apreender, também, aspectos relacionados ao acesso a materiais de leitura, à utilização da escrita no cotidiano familiar, e possibilidades de acesso a bens culturais como cinema, teatro, exposições.

As entrevistas são gravadas mas também optamos por fazer simultaneamente anotações que nos permitam captar ao máximo o “clima” da entrevista, pois “o entrevistador precisa estar atento não apenas ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmos, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito” (LUDKE, 1986).

Para a transcrição, utilizamos as regras sintetizadas no Quadro 1, que têm o propósito de trazer aspectos que poderiam auxiliar na “reescrita” da conversação sem, no entanto, cumprir rigidamente aspectos próprios de uma transcrição fonética. Essa opção se justifica porque, apesar de considerarmos importante o uso de um quadro referencial para a transcrição, como o propósito fundamental é compreender o que foi dito, optou-se por suprimir falas, truncamentos, repetições, sobreposições que poderiam causar incompreensões no discurso ou mesmo, comprometimento da sequência temática. Também com a finalidade de tornar a interlocução mais apreensível ao leitor, foram utilizados recursos próprios da linguagem escrita como sinais de pontuação e letras maiúsculas.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
1. Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	Aqui perto... (...) Ele nunca andou com a bicicleta...
2. Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(fiquei) muito preocupado...
3. Entoação enfática	Maiúsculas	As pessoas reTÊM tudo
4. Alongamento de vogal ou consoante demonstrando hesitação do interlocutor, “para pensar no que se irá dizer”.	::	Não... não foi nesse ano não :: foi em ::

5. Silabação	-	A comunidade é muito pe-ri-go-sa.
6. Interrogação	?	A escola... certo?
7. Qualquer pausa	...	São três... ou quatro
8. Comentários descritivos	((minúsculas))	((tossiu))
9. Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	“ ”	
10. Cortes na fala	/.../	

### Conclusões preliminares

As entrevistas até o momento realizadas indiciam a existência, na maioria dos casos, de investimentos das famílias em relação à escolaridade dos filhos. Estes investimentos podem ser observados a partir da constituição de uma rotina familiar organizada em torno da delimitação e sequenciação dos tempos destinados ao estudo e a atividades de lazer, tais como fazer o dever de casa, fazer pesquisa escolar, de um lado, e assistir TV e usar computador e Internet para encontrar amigos ou jogar jogos, de outro. Nota-se, nessas famílias, uma preocupação com o desempenho escolar dos filhos, tanto em termos de aprendizagem como de disciplina, o que, no segundo caso, envolve cuidar para que os filhos não falem à escola, sejam pontuais, tenham seus materiais escolares organizados e adequem seus comportamentos às normas escolares.

Ao lado disso, as famílias apresentam alta expectativa de longevidade na escolarização dos filhos, envolvendo o ensino superior. Em comum, todas as famílias vivem a realidade de verem os filhos superarem o nível de escolaridade dos pais. Também parece existir uma forte percepção familiar da escola como mecanismo de mobilidade social.

Na sequência desta parte da pesquisa, analisaremos o conteúdo das entrevistas à luz da literatura sobre a relação escola-família em meios populares, assim como iniciaremos a análise dos cadernos com o intuito de testar a hipótese inicial de que, nas escolas em que se verifica uma desaceleração no ritmo de aprendizagem, haveria perda de foco do processo de alfabetização, em razão da introdução do ensino de outros aspectos da Língua Portuguesa, sem a devida consolidação do processo básico de decodificação e codificação da língua. A análise dos cadernos também permitirá investigar se há ênfase maior do professor das séries iniciais na alfabetização, o que contribuiria para explicar a baixa evolução dos alunos em Matemática, no caso das escolas públicas, como consequência da baixa prioridade dada a esse conhecimento e à concentração nos trabalhos voltados para o aprendizado da Leitura e Escrita.

### As atividades realizadas enquanto bolsistas de IC foram:

- Contato com escolas e famílias para a contextualização da nova fase do projeto.
- Visita às escolas para recolhimento dos cadernos dos alunos que serão objeto de análise na pesquisa em curso.
- Aprofundamento da literatura sobre metodologia de entrevista e relação família-escola.

- Elaboração de artigo e documento de trabalho sobre os resultados do estudo exploratório.
- Elaboração do roteiro para as entrevistas com famílias que guardaram os cadernos dos alunos Geres.
- Aulas introdutórias de estatística, sobre o uso do programa de SPSS e de familiarização e utilização da base de dados Geres.
- Elaboração inicial de estatísticas descritivas sobre características das escolas participantes do Geres.

### **Atividades a serem realizadas pelas alunas de IC no próximo semestre:**

Para o próximo semestre está prevista a realização das seguintes atividades:

- Aprofundamento do estudo estatístico da base de dados Geres, referente à infraestrutura e recursos escolares e à evolução da proficiência em Leitura e Matemática dos alunos repetentes.
- Aprofundamento da literatura sobre estratégias para análise dos cadernos.
- Análise dos cadernos recolhidos junto aos alunos Geres.
- Elaboração de artigos sobre resultados parciais relativos à distribuição social da infraestrutura escolar; ao impacto da repetência na evolução da proficiência dos alunos em Leitura e Matemática e às hipóteses desenvolvidas sobre a desaceleração da aprendizagem das habilidades de Leitura e Matemática entre o 2º e o 3º ano escolar.

### **Referência bibliográfica**

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: (Org.). BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. 2.ed. Petrópolis: Perspectiva, 1997.

CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita; história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GINZBURG, Carlo. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto e Sebeok (orgs). *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, p. 89-129.

\_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GVIRTZ, Silvina e LARRONDO, Marina. Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. IN: MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). *Cadernos à vista; escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2008, p.35-48.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 2008.

LE GOFF, J. Documento / monumento. *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, p.95-105. [s.d.].

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986

PERRENOUD, Philippe. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação; perspectivas sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e históricos. In: MIGNOT, A. C. V. *Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita*. RJ: Edit. UERJ, 2008.